

Cristo: esplendor da beleza!

por Paulo Faitanin – UFF.



transfiguração

A harmonia que o mundo criado apresenta supõe a ordem da diversidade dos seres que o compõe. Observando mais de perto esta multiplicidade de criaturas percebemos que algumas nos encantam mais do que outras. Cada uma, em sua pequenez, contribui para o esplendor do universo. A beleza de uma rosa fascina mais do que a de uma pedra, mas a de uma criança mais do que a de um jardim inteiro. Ascendendo em nossa contemplação constatamos, pouco a pouco, que há *graus* de beleza: uma *hierarquia*.

Atentos a esta gradação, as criaturas mais belas, num primeiro momento, são as que apresentam maior simetria e proporção; ascendo mais e mais, percebemos que são mais belas ainda, as que verdadeiramente apresentam maior *pureza*, quase desvendando uma *graça*, por meio da qual revela sua *forma de beleza*.

Em cada etapa desta apreciação ascendente, as coisas nos parecem belas em razão de suas purezas e ascendendo mais, exige-se ainda maior pureza, até à necessidade da admissão da existência de uma suprema beleza, pura em si, a qual só se alcança por analogia, por meio da comparação das coisas belas entre si, indo da apreciação da beleza inferior comparada com as mais superiores, até chegar à superior, considerada em si. E encontramos em todas as criaturas, por meio desta associação, os *vestígios*, *semelhanças* e *imagens* de uma beleza superior, cuja admiração somente se chega pela contemplação, com *reverência*, pois se trata do próprio Autor e fonte da beleza criada.

A fonte da beleza é o *Belo* em si, que outorgou o dom de ser belo a toda criatura, mesmo àquela minúscula, cuja mínima densidade ou mesmo complexidade da matéria não nos deixa entrever a simplicidade de sua *forma*, raiz de sua própria beleza; e nem mesmo nos permite apreciá-la como partícipe da beleza divina. Não obstante, mesmo estas pequeninas criaturas são belas, segundo a intensidade do *ato de ser* que possuem, manifesto em suas formas que informam suas respectivas matérias, pois nas criaturas a beleza é mediante o esplendor de suas formas.

Aqui cabe não confundir *forma* e *figura* para acentuar a doutrina do Aquinate. A figura é a expressão da forma na matéria; portanto, a forma não é tudo o

que representa a figura de um corpo, esta é antes um limite daquela, na matéria. A figura é no corpo, apenas, uma expressão da beleza do que é a forma em si. A forma humana [a alma racional] é individual em cada homem. Sua perfeição natural é, no entanto, semelhante em cada alma. A forma humana que é igual para todos, segundo a perfeição da natureza, manifesta sua beleza na figura de cada corpo. Nenhum corpo esgota, em sua figura, a beleza do que é a sua forma [alma]. Retornando ao tema, em cada criatura, sua figura expressa a beleza de sua forma, desde a forma mais sublime até a mais ínfima, todas representam, de alguma maneira, a beleza do que é Belo em si.

Constatada esta hierarquia, nenhuma criatura deixa de expressar, ao seu modo, a beleza do que é Belo em si, a saber, a beleza divina. Bastaria tão somente uma criatura existir para ser considerada bela, porque sua existência é o efeito da ação *pulcrífica* de Deus. No horizonte da multiplicidade, soergue na verticalidade, uma hierarquia que vai do inferior ao mais sublime, em que cada um recebe a beleza proporcional ao ato de ser que possui.

Igualmente nos impressiona quando confrontamos a beleza dos demais entes com a beleza do ser do homem. Convém, pois, considerar a beleza da natureza humana em seus quatro aspectos fundamentais: a beleza do seu *ser* criado à imagem de Deus, do seu *pensar* estabelecido à semelhança divina, do seu *agir* que segue o seu ser e do seu *produzir* que imita a natureza ou produz algo semelhante a si. Enfim, resume-se toda beleza humana na beleza de Cristo, pois Ele é o esplendor da beleza!